

Alhos Vedros, o Mestre de Avis e São Nuno de Santa Maria

por Luís Santos

D. Afonso IV, rei de Portugal entre 1325 e 1357, filho de D. Dinis e seu sucessor, na esteira das políticas do pai, desenvolveu muito a Marinha Portuguesa, nomeadamente a Marinha Mercante. É ainda durante o seu reinado que se fazem as primeiras explorações atlânticas e se descobrem as Ilhas Canárias. A existência de estaleiros de construção naval, neste período, no Concelho de Alhos Vedros, não será alheia ao incremento desta política nacional virada para o mar.

D. Afonso IV, infelizmente, acabaria também por ficar na história pelas piores razões, ter mandado matar Inês de Castro, por quem se apaixonara perdidamente o seu filho, infante D. Pedro, já depois de ter desposado a Rainha Constança Manuel. Coisa extraordinária, em que o coração se sobrepõe à razão, mas que por incompreensão real acabou em vários problemas de Estado e tragédias familiares. Entretanto, a peste negra tinha chegado do norte da Europa para ficar e atrás de Inês de Castro foi, segundo rezam as crónicas, mais de um terço da população portuguesa.

Como a sucessão monárquica do poder se faz preferencialmente por legítimo filho primogénito, o que D. Pedro não teve tempo nem vontade de o fazer com a rainha, acabou por ter que ascender na liderança do Reino um D. Fernando ilegítimo que, por sua vez, morreu cedo e, continuando na mesma senda, só deixou filha única que haveria de fazer casamento em Castela, e, por pouco, não levou o país consigo. Por via disto, uma crise e das grandes, entre 1383-1385, já que entre a peste e a sucessão, o país podia ser anexado por Castela. É caso para perguntar que mal fez Portugal a Deus, Inês de Castro?

Mas como não há mal que sempre dure, aparecem, entre outros, dois grandes heróis nacionais que vão contribuir decisivamente para a resolução desse período de impasse e tenebrosa mortandade. As figuras a que nos referimos, está bom de ver, são D. João I Mestre de Avis, próximo Rei de Portugal, e o Condestável do Reino, D. Nuno Álvares Pereira, ambos também, de alguma maneira, ligados à história de Alhos Vedros.

Como é sabido, Portugal salvou-se de Castela na Batalha de Aljubarrota (*), ali para os lados de Alcobaça, onde o Condestável de Excalibur em punho, “a lendária espada mágica do rei Artur, que segundo Pessoa por ele próprio teria sido dada a D. Nuno, salientando a sua impregnação pelo imaginário do ciclo do Graal e pela identificação com Galaaz...”(**). Neste preceito, comandou um pequeno exército que por astúcia de tática militar infligiu uma pesada derrota aos castelhanos. Como é sabido, D. Nuno Álvares Pereira, pessoa de grande vocação espiritual e religiosa, foi beatificado em 1918 e canonizado em 2009 com o nome de São Nuno de Santa Maria.

Mas, ao que é Alhos Vedros para aqui chamada?

Relembremos que foi, mais ou menos, neste período histórico que Alhos Vedros ganhou autonomia municipal, o que, decerto, se deveu a significativo desenvolvimento e consolidação da sua centralidade regional. Entre outros bens importantes tínhamos uma forte indústria naval, vinhos famosos, sal, lenha, biscoitos para alimentação dos nautas, “pedreiras” na Arrábida, produtos hortícolas que seguiam para a capital do Reino, entre outros. Fica uma questão por responder: Como se terão feito sentir por aqui os efeitos da peste negra, num período de aparente crescimento económico local?

Sabemos que D. João I está ligado à história da terra, porque aqui se terá refugiado em luto quando da morte da Rainha Filipa de Lencastre, acometida pela terrível peste, num Palácio onde viveu o tal filho bastardo, D. Afonso, Conde de Barcelos. Por outro lado, D. Afonso era casado com D. Beatriz Pereira de Alvim, condessa de Barcelos (e de Arraiolos), filha única de Nuno Álvares Pereira e de Leonor de Alvim, a herdeira da casa mais opulenta do reino. Curiosamente, ou não, D. Beatriz morreu no mesmo ano que Filipa de Lencastre. Portanto, embora no caso de Nuno Álvares não o possamos comprovar documentalmente, é quase certo que também ele terá andado por aqui com D. João I, cumprindo luto e arquitetando a partida para a conquista de Ceuta. Enfim, uma boa questão a ser desenvolvida pela história local.

(*) “(segundo Agostinho da Silva, é a vitória em Aljubarrota que permite a emancipação de Castela e da Europa e a aventura oceânica em prol da universalidade)”, in, BORGES, Paulo, *É a Hora! A mensagem da Mensagem de Fernando Pessoa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013, p.108. (citado de, Cf. Agostinho da Silva, Reflexão à margem da Literatura Portuguesa, in Ensaio sobre Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira I, pp.29-30)

(**) BORGES, *É a Hora! A mensagem da Mensagem de Fernando Pessoa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013, p.107